

# Deputado enfrenta oligarquias com fábrica moderna

## Hélio Costa disputa em Barbacena votos dos Bias e Andradas

Lúcia Helena Gazolla

**B**ELO HORIZONTE — Instalar fábricas, "para acabar com o curral eleitoral", é o que o deputado federal Hélio Costa, do PMDB, quer fazer em sua terra, Barbacena, que ficou fora do processo de industrialização por influência das velhas oligarquias dirigidas pelos Bias e Andradas. Ele começa dando o exemplo: vai instalar, até o fim deste ano, uma indústria de tecnologia de ponta, para fabricar videocassetes, em associação com uma empresa norte-americana, cujo nome pediu para não ser citado. O investimento será de 1 milhão de dólares.

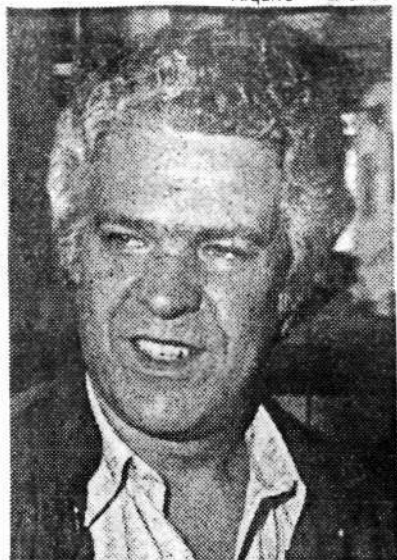
— Ninguém mantém operário no cabresto —, sentencia Costa, que pretende derrubar a "política velha, tacanha e clientelista" perpetrada, desde o final do século passado, pelos Bias e Andradas. Unidas até a Revolução de 1930, as duas famílias tornaram-se rivais. A partir de então "a briga deles era fictícia e servia para que se mantivessem em evidência", segundo Hélio Costa, mas gerou, ao longo de 50 anos, perseguições e acusações recíprocas. Enquanto as tradicionais famílias se digladiavam no PDS, o PMDB elegeu, em 1982, o prefeito Lydio Nusca, da corrente de Hélio Costa, que prometia industrializar e modernizar Barbacena.

**Empreguismo** — Com 110 mil habitantes, localizada a 200 quilômetros de Belo Horizonte e a 240 quilômetros do Rio, Barbacena, que na década de 50 era a quarta cidade de Minas, 20 anos depois ocupava apenas o 20º lugar, trilhando o caminho inverso de outras cidades mineiras que saltaram da economia rural para a industrial.

Barbacena vive hoje principalmente da pecuária e da produção hortigranjeira, segundo o assessor do prefeito, Rubens Silva. Tem duas indústrias têxteis (a Ferreira Guimarães e a Companhia de Tece-lagem São José, cuja implantação, na década de 30, é reivindicada pelos Andradas) e a Companhia Paulista Ferro Ligas (levada, no final dos anos 60, pelo então prefeito Simão Tamm Bias Fortes), que somam cerca de 900 empregos, e poucas outras, bem menores.

Mas, a cidade é pródiga em escolas. Há quatro faculdades, com oito cursos; a Escola Preparatória de Cadetes do Ar, da Aeronáutica; a Escola Agrícola; e inúmeros colégios e grupos escolares. Também proliferaram repartições públicas: Manicômio Judiciário, Hospital de Psiquiatria da Fhemig (Fundação Hospitalar de Minas Gerais), Centro Regional de Saúde e representações de órgãos federais, tudo levado pelos Andradas e Bias, para dar emprego a correligionários.

Arquivo — 6/9/86



Costa: Ninguém segura operário no "cabresto"

**Fábrica** — "Com as indústrias, queremos dar empregos e acabar com o fisiologismo nas repartições públicas, onde só se entrava devendo favor aos Andradas e aos Bias. Queremos libertar o povo", promete o deputado Hélio Costa. Ele afirma que 40% da mão-de-obra de Barbacena são ociosos e que a cidade é pobre (há 15 bairros sem saneamento básico), em contraposição à vizinha Juiz de Fora, que se tornou um dos principais pólos industriais de Minas.

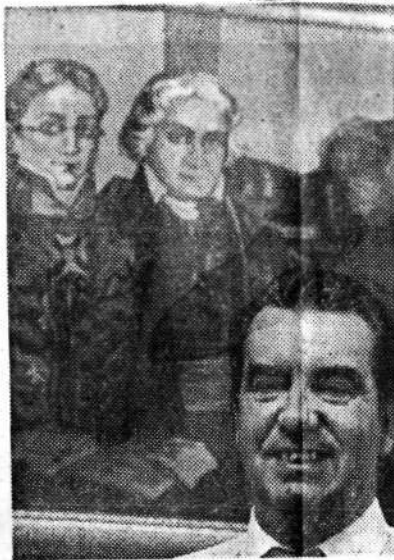
Sem se importar com o veto do governador Newton Cardoso — hostilizado na campanha eleitoral por Hélio Costa e pelo prefeito Lydio Nusca, que apoiaram a candidatura dissidente de Itamar Franco — à criação do distrito industrial de Barbacena, o deputado fechará o contrato, dentro de 20 dias, nos Estados Unidos, para a implantação de uma fábrica, com 140 empregados. "Estaremos montando fitas até o final do ano e fabricando os cassetes, em maio".

Ele assegura que o projeto, que terá sua participação financeira, é mais amplo. Ao final de quatro anos, terá também uma fábrica de videocassetes, uma de disco-laser e uma duplicadora de fitas que, juntas, gerarão 500 empregos diretos. Promete ainda instalar, dentro de um ano, pequenas indústrias de doces, sabão, massa de tomate e confecção, em três distritos de Barbacena.

**Candidato** — Falar é fácil. Mas a única coisa que Hélio Costa levou até hoje a Barbacena foi o *Fantástico*, ironizou o deputado estadual José Bonifácio Tamm de Andrada (PDS), o *Zé Bodego*, referindo-se ao programa dominical da TV Globo que deu projeção a Costa, como repórter nos Estados Unidos, de 1970 a 1984.

Por vocação de família, que vem desde o Patriarca da Independência, sempre investimos em educação, pois acredi-

Waldemar Sabino



José Bonifácio: "Ele só levou o Fantástico"

tamos ser esta a base para libertar o povo. Pena que o Hélio Costa não tenha estudado em algumas das muitas escolas que levamos para lá", acrescentou o deputado federal Bonifácio José Tamm de Andrada (PDS), o *Andradinha*, irmão de José Bonifácio e filho de *Zezinho* Bonifácio, que morreu em fevereiro do ano passado.

"A industrialização do interior de Minas é um fenômeno recente. Só pode fazer a afirmação leviana de que evitamos a industrialização quem, como Hélio Costa, não conhece a realidade de Minas, porque bandeou-se muito cedo para os Estados Unidos. Agora, patrocinado por uma emissora de TV, ele quer transplantar para nossas pequenas cidades a realidade dos grandes centros norte-americanos", reagiu o ex-deputado federal pela Arena e PDS, que hoje, no PMDB, preside o conselho de administração da estatal Helibrás-Helicópteros do Brasil, Chrispim Jacques Bias Fortes.

Quem não quis entrar na nova briga foi o prefeito Lydio Nusca. De volta ao cargo, depois de uma licença de 45 dias, para tratar da úlcera, ele não quis dar entrevista. Apesar de ter derrotado, em 1982, as duas oligarquias, ele hoje se apóia nos seis vereadores do PDS e no único do PFL, ligados aos Andradas e Bias.

Rompido com o governador Newton Cardoso, ele perdeu o apoio de cinco, dos sete vereadores do PMDB. Hélio Costa, lançou-se esta semana, em entrevista no Palácio da Liberdade, candidato à Prefeitura de Belo Horizonte. Muitos o apontavam como futuro prefeito de Barbacena, onde possui uma moderna rádio FM (os Bias e Andradas têm antigas rádios AM), mas ele sonha mais alto: quer ser o quinto barbacenense a governar Minas.

## Clá viveu em Minas uma epopéia política

Eles são a quinta geração do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, e de seu irmão Martim Francisco, que se casou com a sobrinha Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada. Vindos da cidade paulista de Santos, ela levou o filho mais novo, Antônio Carlos, que seria deputado e membro do Senado de Minas, para tratar da saúde em Barbacena, entre 1890 e 1900. O clã lembra a família Buendia, do livro *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, pela sucessão de nomes semelhantes e pelo entrelaçamento de famílias (José Bonifácio, Martim Francisco e Antônio Carlos).

Os filhos de Antônio Carlos que foi tratar da saúde em Barbacena também se projetaram na política de Minas: o embaixador José Bonifácio de Andrada e Silva — deputado por mais de 30 anos e líder da Aliança Liberal — e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que foi presidente do estado. O embaixador era o pai de José Bonifácio Lafayette de Andrada, neto materno do conselheiro Lafayette, jurista do Império, que morreu em fevereiro de 1986, depois de ter sido interventor em Barbacena (nomeado pela Revolução de 30), fundador da UDN, deputado federal de 1946 a 1978 e líder do governo Geisel. *Zezinho*, como era conhecido o político que Geisel escolheu para líder, deixou dois filhos no exercício de mandatos parlamentares: o deputado federal Bonifácio José, o *Andradinha*, e o deputado estadual José Bonifácio, o *Zé Bodego*.

**Origem** — De origem rural — e mais antigos em Barbacena — os Bias já tinham um membro do clã, Oliveira Fortes, no Conselho Municipal em 1850. A dinastia dos Bias só começou mesmo, no entanto, no final do século passado, com a ascensão de Chrispim Jacques Bias Fortes à Presidência de Minas, quando se estabeleceu a política do *café com leite* (revezamento de paulistas e mineiros na chefia do governo federal), que dominou boa parte da República Velha.

O velho Chrispim, que foi novamente governador de Minas, e seu filho, José Francisco Bias Fortes (prefeito nomeado de Barbacena em 1937, ministro da Justiça no fim do governo Dutra, constituinte em 1946 e governador de Minas em 1956), foram sucedidos na política por um neto e um filho. *Biazinho* (também Chrispim Jacques Bias Fortes) foi deputado federal de 1950 a 1982, secretário de Estado nos governos Israel Pinheiro Filho, Aureliano Chaves e Hélio Garcia e candidato a vice-governador da chapa do PDS que o engenheiro Eliseu Resende encabeçou e que foi derrotada por Tancredo Neves.

*Biazinho*, que é primo materno dos Andradas, mas só se declara "sobrinho da mãe deles", conta que a briga entre as duas famílias começou na Revolução de 30 quando, nomeado interventor em Barbacena, *Zezinho* Bonifácio perseguiu os *biastas*, que se vingaram em 37, quando voltaram ao poder. Como interventor, Bonifácio dava trelas a um violento delegado, Laerte, que prendia os eleitores dos Bias e os obrigava a tomar grandes doses de laxantes. Anos depois, em 77, Bonifácio ainda perseguia a família adversária: ao fornecer à *Revista do Arquivo Público Mineiro* a relação dos deputados federais por Minas, de 1891 a 1975, "esqueceu-se" do constituinte José Francisco Bias Fortes.

Os Andradas e Bias estão em decadência política com a ascensão do PMDB — que obterá mais votos para deputado estadual, a partir de 1974, para Manoel Conegundes, do que a soma das Arena I (Andradas) e Arena II (Bias) —, as duas famílias se uniram no apoio ao candidato a prefeito José Eugênio Câmara, em 72, vencendo por poucos votos Lydio Nusca, do grupo Conegundes.

Arquivo — 19/1/77



"Estado de Minas"

